

Memória do Fotojornalismo Brasileiro: João Roberto Ripper¹

Wesley PRADO²

Douglas NASCIMENTO³

Dante GASTALDONI⁴

Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

RESUMO

O projeto Memória do Fotojornalismo Brasileiro foi concebido em 2014.1, no âmbito da disciplina optativa Fotojornalismo Brasileiro (GCO 00253), para registrar em vídeo os depoimentos de alguns nomes expressivos da fotografia brasileira, em evento aberto à participação de alunos e da comunidade. O personagem do programa piloto da série foi o fotógrafo João Roberto Ripper, conhecido no Brasil e no exterior por seu trabalho em defesa dos direitos humanos.

PALAVRAS-CHAVE: documentário; fotografia; memória; João Roberto Ripper; Memória do Fotojornalismo Brasileiro

1. INTRODUÇÃO

O Brasil está repleto de fotógrafos que fizeram importantes registros históricos e que, infelizmente, ainda carecem de uma memória amplamente acessível. Nem todos são conhecidos como Sebastião Salgado ou Evandro Teixeira, seja dentro ou fora do país. Pensando nisso, estudantes de Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense (UFF), com orientação do professor Dante Gastaldoni, idealizaram um projeto que criasse registros de alguns nomes da fotografia brasileira: o Memória do Fotojornalismo Brasileiro.

No fim de 2013, durante a disciplina “Introdução ao Fotojornalismo”, o professor de fotografia do departamento de Comunicação da UFF, Dante Gastaldoni, ministrava uma aula sobre os principais nomes do fotojornalismo brasileiro, entre eles

¹ Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Rádio, TV e Internet, modalidade RT 05.

² Aluno líder do grupo e estudante do 9º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: wesleyph20@yahoo.com.br.

³ Jornalista recém-graduado no Curso de Jornalismo, email: dg_nascimento@gmail.com.

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo, email: dgastaldoni@gmail.com.

Juca Martins, Ricardo Azoury, João Roberto Ripper - e a geração dos fotógrafos engajados da agência F4-, Evandro Teixeira, Custódio Coimbra, Walter Firmo e nomes recentes dos fotógrafos populares do Complexo da Maré, como AF Rodrigues e Ratão Diniz.

A lista de citações era tão vasta e valiosa, e muitos alunos se apresentavam interessados em se aprofundar mais em alguns nomes. Ao longo desse período letivo, a ideia de produzir um acervo que contemplasse nomes do fotojornalismo do Brasil com maior riqueza e profundidade foi amadurecendo. O divisor de águas foi uma aula sobre o papel do Instituto Nacional de Fotografia (INFoto) da Fundação Nacional de Arte (Funarte) para a fotografia brasileira, que alertou os estudantes sobre a necessidade de retomar a ideia de que a fotografia é um importante mecanismo de memória histórica de um povo e que precisa receber devida atenção e investimentos.

No primeiro semestre de 2014, a ideia saiu do papel, e germinou na disciplina optativa “Fotojornalismo Brasileiro”, que deixou de ser teórica para passar a produzir um produto audiovisual em forma de documentário ao final do semestre letivo sobre algum fotojornalista brasileiro.

2. OBJETIVO

Os objetivos partiam da necessidade que os alunos pautavam. Era desejado da turma criar um acervo sobre nomes do fotojornalismo brasileiro e fazer com que essa memória circulasse em diversos meios, dentro e fora da universidade. Ao mesmo tempo, também era interessante fazer, disto, um grande evento aberto ao público. O projeto iniciou a partir deste embrião, em que cada nova turma que optasse pela disciplina fizesse um novo evento, um novo documentário e contribuísse com mais um personagem neste projeto.

Para lançar o produto para fora da universidade a internet foi utilizada como meio de divulgação e acesso do grande público, cujos alvos principais seriam professores, estudantes, profissionais e amantes da fotografia em geral. Também foi estabelecida como meta a não restrição do conteúdo somente a brasileiros. Desse modo, os alunos tiveram a iniciativa de legendar o documentário em português, inglês e espanhol.

Por fim, apesar de o projeto estar ligado a uma disciplina de fotografia, o produto final também deveria integrar diversas outras atividades da comunicação, como assessoria de imprensa, pesquisa, elaboração de reportagem, roteiro de documentário, social media, técnicas de imagem e som, edição de imagem, produção de eventos e, claro, fotografia. Com isso, todos os alunos envolvidos teriam a oportunidade de construir um trabalho interdisciplinar e ampliar suas competências, ponto central de qualquer atividade acadêmica.

3. JUSTIFICATIVA

O fazer-fotográfico está num momento sensível de sua história. A popularização do acesso (aumento de cursos, barateamento de equipamentos, novas possibilidades de exibição) ao mesmo tempo em que amplia o direito universal da comunicação, banaliza a fotografia pelo excesso de produção. Nesse cenário de produção imagética em escala industrial é preciso entender os motivos pelos quais se fotografa, separar o que é socialmente importante do que não é, e, acima de tudo, criar registros sobre essas produções.

O pesquisador português Jorge Pedro Sousa faz algumas diferenciações entre fotojornalismo e fotodocumentalismo que oferecem subsídios interessantes para justificar nosso projeto. Essas duas categorias da fotografia talvez sejam as que mais se enquadram na nossa proposta; entendemos que elas são o crivo que buscamos: categorias cujo interesse público é central. Enquanto o primeiro pode ser considerado como a “fotografia de notícias”, ligado ao imediatismo do jornalismo *hard-news*, o segundo tem um caráter mais duradouro, de maior imersão na produção. Ambos buscam informar, documentar e criar memória (SOUSA, 1998), características que estão em profunda harmonia com a ideia do projeto Memória do Fotojornalismo Brasileiro.

Nesse sentido, pode-se dizer que o Projeto se situa entre duas categorias e tem pretensões metalinguísticas: documentar sobre quem documenta e criar memória sobre os criadores de memória. Os fotógrafos escolhidos para nosso projeto ocupam distintos lugares e categorizações, que podem variar da maneira como eles se veem à forma como são vistos por diferentes autores. Nosso critério de escolha, no entanto, é essencialmente a importância e relevância que suas produções ocupam na sociedade e

seu caráter de interesse público; é muito mais conteúdo que forma. Isso porque entendemos que a função social da fotografia, assim como da imprensa, jamais deve ser esquecida.

Vale lembrar o valor histórico que fotografias feitas durante guerras e ditaduras, por exemplo, possuem hoje para esclarecer fatos obscuros, servindo muitas vezes de prova, pois carrega em si a presença histórica do fato (SONTAG, 1986). Nesse contexto, é necessário criar (novos) meios para que a fotografia e seus produtores assumam o devido papel na história social do país, algo que começou a ser feito, por exemplo, com o INFoto.

O INFoto foi criado em 1984, após cinco anos de experiência com o *Núcleo de Fotografia* proposto pelo fotógrafo carioca Zeka Araújo. O Instituto se propôs a criar uma política nacional para a fotografia, que objetivava entre outras coisas: “estimular, apoiar e divulgar a produção contemporânea da fotografia; conhecer e mapear os diversos movimentos brasileiros; definir e coordenar uma política nacional de preservação”. O INFoto foi extinto em 1990, durante o governo Collor, passando a atuar como uma área específica dentro da Funarte. Apesar do pouco tempo de duração, a iniciativa criou um importante acervo sobre a história da fotografia no Brasil.

Iniciativas como o INFoto, as agências independentes de fotógrafos e outros momentos - como a luta política e sindical pelo direito autoral e valorização dos repórteres fotográficos nos anos de 1980-, demonstram que tem existido uma preocupação tanto da classe de fotógrafos quanto de parte do poder público em legitimar esses profissionais e suas obras. Percebemos que é preciso avançar também na construção de memória desses protagonistas da história.

Um fotógrafo é um comunicador que busca, entre outras coisas, estar no momento decisivo da ação, o instante único e latente capaz de mudar tudo e que talvez nunca se repita. Ao assumir essa postura de agente, esses profissionais tomam pra si o status de testemunha ocular da história, imerso em experiências que podem ter grande importância histórica. Nosso projeto se justifica, acima de tudo, na busca por recortes da história do país contadas por meio da vivência e das produções desses fotógrafos.

4. MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O fotógrafo

No primeiro episódio foi escolhido o fotógrafo carioca João Roberto Ripper, cujo trabalho é bastante focado na defesa dos direitos humanos, visto como tema primordial para o fotógrafo. Em sua trajetória, Ripper atuou como fotojornalista em veículos como a *Luta Democrática*, *Diário de Notícias*, *Última Hora* e *O Globo*. No começo dos anos 80 teve importante atuação na luta pela exigência de crédito nas fotografias, na aprovação de uma tabela de preços mínimos e na luta pela liberdade de expressão. Participou da agência F4, vanguarda da organização coletiva e independente de fotógrafos no Brasil. Até que, num dado momento, Ripper achou incompatível seu trabalho na “grande mídia” e passou a apostar em trabalhos autorais, como a documentação de índios e quilombolas (RIPPER, 2009). Desde então esse tem sido seu norte de atuação. A biografia de Ripper e o papel de sua fotografia fez com que ele fizesse parte do projeto.

O projeto

Ao longo da disciplina “Fotojornalismo Brasileiro”, a ideia foi-se afinando e os alunos chegaram ao consenso de estruturar o projeto em duas partes: a) uma entrevista em estúdio com o fotógrafo selecionado – essa etapa revelaria os pensamentos do ser humano por detrás das lentes, suas reflexões acerca de seu trabalho e seu olhar sobre a fotografia, momento sendo restrito apenas a alguns participantes do projeto devido ao caráter de intimidade proposto e, b) uma palestra do fotógrafo aberta ao público – o objetivo era apresentar o lado profissional do fotógrafo, que exporia, comentaria seu trabalho e suas conquistas profissionais.

Para que tudo acontecesse, a turma dividiu-se em grupos de trabalho, chamados de *núcleos*, no qual os estudantes se voluntariavam a cumprir uma atividade de sua predileção. Foi pactuado que todos poderiam participar das atividades dos outros grupos, pois o objetivo era também pedagógico. Os que não tinham afinidade com edição de vídeo, por exemplo, poderiam participar dessa etapa para que aprendessem com outros que tivessem conhecimento a respeito.

Então foram criados quatro grandes núcleos:

-
- 1- **Divulgação e Produção da palestra.** Núcleo responsável pela produção de conteúdo, antes e depois do evento. Releases para divulgação, elaboração de certificados de presença, organização de coquetel para o convidado e para a turma. Uma das ações centrais foi a criação de um evento no facebook e o trabalho de marketing. Oito pessoas fizeram parte dessa equipe.

 - 2- **Audiovisual.** Esse núcleo produziu a estrutura para que a entrevista em estúdio e a captação no auditório acontecessem, desde a listagem de materiais à execução. Entre as principais atividades estavam: cenário, iluminação, operação de câmera, áudio e direção de fotografia. Incluímos também aqui os fotógrafos que cobriram os dois momentos. Oito pessoas fizeram parte da equipe.

 - 3- **Edição de texto.** Este era o núcleo responsável essencialmente pela decupagem e roteirização do material bruto. Ao total foram mais de quatro horas de material capturado, além das imagens de cobertura. Nove pessoas fizeram parte da equipe.

 - 4- **Pós-produção.** Esse núcleo ficou responsável pela última etapa da produção: montagem, edição e finalização, que incluiu áudio, tratamento de cor, créditos e legenda. Quatro pessoas fizeram parte da equipe.

Vale dizer que o processo foi bem dinâmico, com trocas constantes e harmonia entre as equipes. O processo foi coletivo e interligado, no qual cada equipe produzia e passava seu material para a equipe seguinte. A divisão em quatro áreas foi somente para nortear nossas produções. Cada núcleo criou subdivisões (o audiovisual, por exemplo, sentiu a necessidade de fotógrafos) e agiu organicamente durante todo o processo. Além de conversas virtuais (via grupo no facebook), a turma realizava reuniões semanais, onde cada grupo relatava seus andamentos para que a turma opinasse de modo a facilitar os encaminhamentos seguintes. Algumas pessoas estiveram presentes em mais de um núcleo, mas todos participaram com assiduidade e comprometimento para que o evento acontecesse e dele surgisse um produto.

O núcleo de audiovisual optou por usar câmeras pessoais, então três DSLR produziram os dois momentos do documentário. Os modelos DSLR, mais práticos e de

alta qualidade, com uma linguagem mais cinematográfica, foram escolhidos em detrimento do equipamento oficial da universidade – filmadoras semi-profissionais comuns. Desse modo, foram três câmeras no estúdio (uma Canon 5D Mark II, uma Canon 70D e uma Nikon D7000).

A direção de fotografia do estúdio foi pensada para criar um ambiente intimista e reflexivo, corroborando esteticamente a nossa proposta narrativa, enquanto a fotografia da palestra foi pensada para ambientar o palestrante e os participantes. No estúdio utilizamos o fundo preto e duas luzes: uma principal em 45° e outra de preenchimento, rebatidas com o que se tinha no momento: uma grande tampa de isopor. No auditório as luzes foram levemente dirigidas, de acordo com o que o Núcleo de Audiovisual queria, e as imagens foram captadas com as mesmas câmeras.

A elaboração da identidade visual foi feita pelo professor Ildo Nascimento e a vinheta de abertura do evento pelo animador João Velho. Com isso houve uma integração do corpo da universidade de modo a enriquecer a produção com uma construção coletiva e interdisciplinar.

A captação de áudio foi feita com um gravador externo modelo Zoom H4n, que gerou um grande arquivo de áudio, o qual foi mixado e sincronizado com o vídeo na pós-produção. Nosso personagem criou desafios que tivemos que lidar na montagem: sua fala baixa e tom de voz depressivo criavam um ambiente pouco dinâmico para um produto que almejávamos ser atrativo.

Assim, o roteiro precisou ser costurado com falas mais relevantes de Ripper, editadas numa sequência lógica – dividida em blocos de entendimento – e amparadas por trilhas instrumentais, movimentos e cortes de câmeras e fotografias. Desafios para as equipes de roteirização e pós produção.

Esta última optou pelo software Adobe Premiere, pois alguns já o possuíam em casa. E a confecção da montagem tentou uma pegada mais dinâmica e ilustrada, para que o produto despertasse mais interesse do espectador em assistir ao documentário até o final, uma vez que se tratava de um vídeo com 18 minutos, relativamente longo para o ambiente rápido e líquido da internet.

5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O projeto foi elaborado para funcionar como uma série de episódios, no qual cada nova turma daria continuidade ao projeto. Os primeiros nomes sugeridos foram Flávio Damm, J.R. Ripper e Evandro Teixeira, três grandes nomes do fotojornalismo brasileiro. Seria importante e simbólico que o piloto contasse com um nome de peso. A agenda mais compatível com a da turma foi a de Ripper, o escolhido. O professor e realizador do projeto, Dante Gastaldoni, orientador desde trabalho, foi o responsável pelos contatos com os fotógrafos e pelo transporte do convidado.

A turma se encontrou duas vezes por semana durante as aulas pra tomar decisões e fazer encaminhamentos. Cada núcleo pensava em estratégias e compartilhava com a turma durante os encontros. Uma das principais ações foi a criação da página no Facebook, que em duas semanas atingiu 500 curtidas. Utilizamos unicamente essa página como estratégia de divulgação, que se deu por meio de fotos, curiosidades do convidado, lembrete do evento, processo de produção, etc.

O núcleo de divulgação iniciou os trabalhos no dia 08 de maio, e fez postagens diárias de mobilização e divulgação até o dia 15 de maio, quando aconteceu o evento. O alcance orgânico médio foi de 500 pessoas por postagem, tendo seu pico de 10.524 acessos com o lançamento do documentário no dia 08 de dezembro de 2014. Não impulsionamos nenhuma publicação, todas as postagens tiveram alcance orgânico.

Do dia do evento ao dia de lançamento do produto na internet foram aproximadamente seis meses. Período necessário para que todas as equipes trabalhassem e avaliassem o que estava sendo produzido, da decupagem à finalização e legendagem. Por fim, foi realizado um curta documental para web com dezoito minutos de duração; com edição não linear; e roteiro costurado entre entrevista, palestra e fotografias.

6. CONSIDERAÇÕES

A partir da repercussão positiva e do envolvimento dos estudantes e de todos que participaram do evento, é possível considerar que a experiência foi bastante positiva. No facebook, a página Memória do Fotojornalismo Brasileiro ultrapassou as setecentas curtidas e o vídeo produzido foi compartilhado mais de oitenta vezes enquanto, no auditório da palestra, todas as cem cadeiras foram ocupadas.

A proposta de idealizar um curta documental sobre a vida e obra de João Roberto Ripper foi cumprida. As metas estabelecidas por todas as equipes foram atingidas. A julgar pela falta de equipamentos adequados e profissionais especializados em determinadas funções, é possível concluir que as equipes trabalharam muito bem, já que o produto final atingiu a qualidade esperada.

Visto isso, também é possível afirmar que a interdisciplinaridade do projeto foi ótima e altamente pedagógica. Todos que se dedicaram foram transformados de certa maneira, seja por ter podido praticar uma competência que já possuíam, seja por aprender uma nova. Existiam alunos ali que jamais haviam participado do processo de criação de um grande roteiro audiovisual.

Por fim, o projeto continuou no semestre seguinte e atraiu novos estudantes para construí-lo. Na segunda edição, Marizilda Cruppe foi o nome escolhido para dar andamento ao *Memória*. Assim, o projeto tem ganhado corpo e cada vez mais braços no objetivo tão importante que é o uso da fotografia enquanto ferramenta de transformação e de construção de memória.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

VASQUEZ, Pedro. **A Funarte e a fotografia. Um histórico da atuação da instituição: do Núcleo de Fotografia ao INFoto.** Disponível em: <http://www.funarte.gov.br/brasilmemoriadasartes/acervo/infoto/a-funarte-e-a-fotografia/>. Último acesso em 25/04/2015.

RIPPER, J.R. **Imagens Humanas.** Rio de Janeiro: Dona Rosa Produções Artísticas, 2009.

RIPPER, J.R e CARVALHO, Sergio. **Retrato Escravo.** Fortaleza: Editora Tempo d'Imagem, 2010.

SOUSA, J. P. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental.** Porto: Universidade Fernando Pessoa, 1998.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia.** Tradução: Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia de Letras, 2004.